

REVISTA



# inovar

Março/Abril 2015  
10ª edição



**Fernanda Peres**

Professora de Língua Portuguesa  
Integra a equipe de tutoria do  
Colégio Cristo Rei

## PROFESSOR TUTOR

Educadores lançam mão de estratégias pautadas no diálogo para ajudarem alunos a serem melhores para si e para os outros. Projeto de Tutoria conta com respaldo de psicólogos e coordenadores pedagógicos. - *Mariana Spadoto de Barros*



**ARTIGO**  
O desenvolvimento cognitivo  
no estágio pré-operacional em  
Piaget  
Gilvânia Ribeiro Tardim



**COLUNA**  
Música na escola: sua importância  
e possibilidades  
Caroline Alaby Manzano

**ARTIGO**  
A resignificação dos conflitos  
e a formação moral  
Graziella Diniz Borges

**EXPERIÊNCIA** Aproveitando data comemorativa, alunos do 3º ano desenvolveram projeto que uniu solidariedade e aprendizados  
Maria das Graças de Araújo (Cacá)

# ÍNDICE



artigo

O desenvolvimento cognitivo no estágio pré-operacional em Piaget

Gilvânia Ribeiro Tardim

04



coluna

Música na escola: sua importância e possibilidades

Caroline Alaby Manzano

09



artigo

A resignificação dos conflitos e a formação moral

Graziella Diniz Borges

11



coluna

Projeto Tutoria: ampliando a vivência do diálogo no espaço escolar

Mariana Spadoto de Barros

15

17



opinião

De quem é a responsabilidade pela boa convivência no ambiente escolar?

Luciene Regina Paulino Tognetta

22



galeria de arte

Trabalhos artísticos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

19



experiência

Aproveitando data comemorativa, alunos do 3º ano desenvolveram projeto que uniu solidariedade e aprendizados

Maria das Graças de Araújo (Cacá)

25



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

21



sugestões

Livro

Livro: Nunca desista de seus sonhos, Augusto Cury

# editorial



PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI  
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

## Sair da zona de conforto é essencial

## Revista Eletrônica Inovar é instrumento de inquietação

### EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei  
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade  
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)  
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins  
Imagens: José Antônio (Zem)  
Revisão: Prof<sup>a</sup>. Fernanda Peres Antonio  
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei  
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani  
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Elton Lopes

### RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.

Secretaria: Ivo F. Dutra  
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo  
Biblioteca: Lucirene A. Catini Lanzi  
Juventude Cristo Rei: Ir. Márcio Diniz  
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota  
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha  
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI  
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -  
Cep: 17.515-200  
Fone: (14) 3402-2399

[www.crstorei.com.br](http://www.crstorei.com.br) / [colegio@crstorei.com.br](mailto:colegio@crstorei.com.br)

O que faz uma escola ser diferenciada? Muitas são as respostas para esta pergunta. Entre os itens que garantem destaque positivo a uma instituição de ensino está a inquietação de seus educadores. Refiro-me a constante vontade de estar em movimento, do exercício intelectual contínuo, das indagações inesgotáveis, da busca permanente pelo novo e pelo melhor.

Essa inquietação move-nos adiante e favorece o olhar atento para possibilidades. Diferente da acomodação, a inquietação nos tira da zona de conforto e isso é essencial, não apenas para os professores, mas para todas aquelas pessoas que buscam algo mais.

Existem inúmeros instrumentos que ajudam a aflorar nossa inquietação. A leitura e a escrita são práticas-chave.

Neste contexto, é com grande alegria que apresentamos a 10ª edição da Revista Eletrônica Inovar. Esta publicação tem papel importante na constante evolução acadêmica da comunidade escolar, pois estimula a pesquisa, amplia o senso crítico e abre espaço para debates.

Profissionais da escola, parceiros e alunos levam até você oportunidades de inquietar-se com artigos, relatos de experiências, dicas e muitos outros conteúdos apresentados nas próximas páginas. A revista eletrônica Inovar é um convite para pensar diferente.

Nessa 10ª edição da nossa publicação, podemos afirmar, com certeza, que não basta apenas "ser escola" é preciso ser uma comunidade viva, pensante e pulsante.

Boa leitura!

**“Esta publicação tem papel importante na constante evolução acadêmica da comunidade escolar, pois estimula a pesquisa, amplia o senso crítico e abre espaço para debates.”**

## artigo



# O desenvolvimento cognitivo no estágio pré-operacional em Piaget

Jean Piaget influenciou a educação de maneira profunda, pesquisando sobre o desenvolvimento mental da criança. Segundo ele, o desenvolvimento começa quando nascemos e termina na idade adulta. Através de uma minuciosa observação de seus filhos e várias outras crianças, impulsionou a Teoria Cognitiva, que propõe a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano (fase de transição): o estágio sensório-motor (0 – 2 anos), pré-operacional (pré-operatório, 2 – 7 anos), operatório concreto (7 – 11 anos) e operatório formal (a partir dos 12 anos), vivenciando-os necessariamente nessa ordem, pois cada período estabelece alicerces para o posterior. Em cada estágio, a criança desenvolve uma maneira de pensar e de responder ao ambiente, o desenvolvimento avança a partir do que foi construído em estágios anteriores, e o surgimento de determinadas mudanças indica o início de outra fase de desenvolvimento intelectual. Para ele, as crianças só podiam aprender o que estavam preparadas a assimilar. Cabendo assim aos professores, aperfeiçoarem esse processo de descoberta dos alunos.

Portanto, esse artigo será sobre o período cognitivo pré-operacional, também chamado de estágio da Inteligência Simbólica, em que Piaget define como período do segundo estágio do desenvolvimento cognitivo. Caracterizado, principalmente, pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior (sensório-motor). Período também marcado pela inteligência intuitiva. Considera-se ainda que esse processo de desenvolvimento é influenciado por fatores como: maturação, exercitação, aprendizagem social e equilibração.



Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas (que se refere a qualidade, a natureza dos objetos) e quantitativas (que diz respeito a quantidade) das estruturas cognitivas/mentais (esquema), derivando cada estrutura de estruturas precedentes, ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio. Essas construções seguem um padrão denominado estágios que, seguem idades mais ou menos determinadas. Entretanto, o importante é a ordem dos estágios e não a idade de aparição destes. "O ato de inteligência propriamente dito assim se desenvolve, como diferenciação da reação circular secundária, e implica um grau mais elevado a "inversão" na consciência que a intencionalidade constitui." (PIAGET, 1987, p. 205)



## artigo

### CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E SUAS ESTRUTURAS

Durante o período pré-operatório, o pensamento sofre uma transformação qualitativa. Assim, as crianças não estão limitadas ao seu meio sensorial imediato. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), Piaget, no período pré-operatório, identificou vários progressos cognitivos, nomeadamente a função simbólica, a compreensão das identidades, a compreensão da causa e efeito, a capacidade para classificar, a compreensão do número, a empatia e a teoria da mente.

Considerado por Piaget o segundo estágio de desenvolvimento, o estágio pré-operatório coincide com a fase pré-escolar e vai dos dois anos de idade até os sete anos, em média. Nesse período, as características mais importantes são: inteligência simbólica; o pensamento egocêntrico, intuitivo e mágico; a centração (apenas um aspecto de determinada situação é considerado); a confusão entre aparência e realidade; ausência da noção de reversibilidade.

Por função simbólica entende-se a capacidade para usar símbolos ou representações mentais. Ter símbolos para as coisas ajuda a pensar acerca delas e de suas qualidades, a recordar e a falar sobre elas, sem que estejam fisicamente presentes. Por exemplo, a Maria vai passear com a mãe e pede-lhe um sorvete, mesmo não vendo nada que despertasse este desejo. Ou seja, a criança já não está limitada ao seu meio sensorial. Quanto à compreensão das identidades, diz respeito à concepção de que as pessoas e objetos são basicamente as mesmas, mesmo mudando a forma, tamanho ou aparência. Por exemplo, a Maria sabe que se amarrotar uma folha de papel, não deixa de ser a folha.

No processo cognitivo, causa e efeito, as crianças já são

capazes de compreender não apenas as ocorrências específicas no ambiente físico, mas também, os contextos sociais mais complexos. Por exemplo, a Maria sabe que se for para a chuva, vai se molhar.

Na classificação ou agrupamento dos objetos, as crianças usam a capacidade de classificar para ordenar muitos aspectos das suas vidas, por exemplo, categorizam as pessoas por boas ou más.

A compreensão de conceitos numéricos parece começar nos dois primeiros anos de vida. O desenvolvimento deste processo cognitivo deve-se à estimulação fornecida. Por exemplo, a Maria tem três bolachas e ela sabe que se comer uma vai ficar com menos.

A empatia é capacidade que a criança tem para se colocar no lugar de outra pessoa e, sentir o que ela sente. Por ex., a Maria leva um chocolate para a sua amiga, pois sabe que esta queria.

Por fim, a teoria da mente é o conhecimento e compreensão dos processos mentais.

Apesar de o período pré-escolar ser um tempo significativo de realização cognitiva, segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), Piaget descobriu importantes limitações no pensamento pré-operatório (comparando com aquilo que as crianças conseguem fazer quando atingem o estágio das operações concretas).

### DESEQUILÍBRIO E EQUILÍBRIO

A construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações que provocam o desequilíbrio no esquema, necessitando dos processos de assimilação e acomodação para a construção de novos esquemas e alcance do equilíbrio. Sendo assim de acordo com Piaget, o indivíduo (a criança) aprende construindo e reconstruindo o seu pensamento, por meio da assimilação





## artigo

e acomodação das suas estruturas. “A história e o desenvolvimento de um esquema consistem, pois, sobretudo, na sua generalização, por aplicação a circunstâncias cada vez mais variadas”. (PIAGET, 1987).

**Esquema:** Representação de um arquivo de dados na nossa cabeça. As fichas deste arquivo são as estruturas mentais ou cognitivas pelas quais os indivíduos intelectualmente organizam o meio. São estruturas que se modificam com o desenvolvimento mental e que tornam-se cada vez mais refinadas à medida em que a criança torna-se mais apta a generalizar os estímulos.

**Assimilação:** É o processo cognitivo de colocar (classificar) novos eventos em esquemas existentes. É a incorporação de elementos do meio externo (objeto, acontecimento) a um esquema do sujeito. Assimilação de formante da realidade: a criança não pensa o pensamento lógico e sim, brinca com a realidade. Seu pensamento egocêntrico ou intuitivo têm duas características: Justaposição - colocar coisas lado a lado sem conexão lógica e Transdutor - o raciocínio transdutor (aplicação de uma mesma explicação a situações parecidas) a criança liga dois fatos que não mantêm relação entre si.

**Acomodação:** É a modificação de um esquema em função das particularidades do objeto a ser assimilado, que pode ter duas alternativas: criar um novo esquema no qual se possa encaixar o novo estímulo, ou modificar um já existente de modo que o estímulo possa ser incluído nele.

Jean Piaget diz que as crianças não pensam como os adultos e sim constroem seu próprio aprendizado. Essa adaptação acontece por esquemas que são estruturas mentais/cognitivas, em que os indivíduos se adaptam intelectualmente e organizam o meio (processos dentro do sistema nervoso). Para ele, conhecimento é consequência da ação como um todo, e a percepção constitui apenas função de sinalização em que o sujeito só conhece um objeto na medida em que age sobre ele, transformando-o.

No processo de construção do conhecimento na criança, há necessidade de desmistificar o que seria “conhecimento prévio” e os chamados “pré-requisitos”. O conhecimento prévio são os saberes que os alunos já possuem; os pré-requisitos constituem uma lista, muitas vezes arbitrária, de conteúdos e habilidades sem as quais, teoricamente, não seria possível avançar para o conteúdo seguinte.

As estruturas do indivíduo se constroem e reconstroem continuamente tornando todos mais aptos ao equilíbrio. Definir os períodos de desenvolvimento da inteligência é muito importante, pois reside no fato de que, em cada um, adquire novas estratégias e conhecimentos de sobrevivências, para aprimorar sua compreensão e interpretação da realidade.

### O FAZ DE CONTA E OUTRAS REPRESENTAÇÕES

Em relação ao Jogo, Piaget classifica como mais importante o jogo simbólico, conhecido também como o faz de conta. Sua capacidade é reproduzir situações vividas. Nele predomina a assimilação. Do mundo real, a criança usa a fantasia e o faz de conta.

A partir dos três anos a criança já atribui significados ao desenho, fazendo riscos na horizontal, na vertical, espirais, círculos, mas não dá nome ao desenho. Quando chega aos quatro anos sua criatividade já está mais aflorada e através dos desenhos consegue mostrar sua realidade e seus sentimentos. Fato que acaba sendo compreensível para os adultos.

Na fase pré-operatório, surge a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação. E é posto como um período da preparação e da organização da inteligência operatória. Na primeira infância remete-se ao surgimento da linguagem. A partir dela, a criança apropria-se da expressão verbal mais eficaz em sua comunicação. Nesse estágio a criança tem a capacidade de narrar fatos, representar situações vividas ou futuras.

É onde surge então a fase dos “porquês”, constituídos em repetidas indagações sobre tudo o que cerca a criança, além disso, é um período onde as coisas também têm vida e intencionalidade, como por exemplo: a caneta que fala, anda etc. É o pensamento pré-conceitual que domina um pensamento

**“ As estruturas do indivíduo se constroem e reconstroem continuamente tornando todos mais aptos ao equilíbrio. Definir os períodos de desenvolvimento da inteligência é muito importante ”**



## artigo

mágico, em que os desejos se tornam realidade e que possui também as seguintes características:

**Animismo:** A criança vai dar características humanas a seres inanimados. Este animismo vai desaparecendo progressivamente.

**Realismo:** A realidade é construída pela criança. Se no animismo ela dá vida às coisas, no realismo dá corpo, isto é, materializa as suas fantasias.

**Finalismo:** Existe uma relação entre o finalismo e a causalidade. A criança, ao olhar o mundo, tenta explicar o que vê, diz que se as coisas existem uma têm de ter uma finalidade. No entanto, esta ainda é muito egocêntrica.

**Artificialismo:** É a explicação de fenômenos naturais como se fossem produzidos pelos seres humanos para lhes servir como todos os outros objetos: o sol foi aceso por um fósforo gigante; a praia tem areia para brincarmos.

Este estágio é fundamental para a criança, pois ela aprende de forma rápida e flexível, inicia o pensamento simbólico e consegue partilhar socialmente as aprendizagens.

### O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO

No estágio pré-operacional a criança desenvolve o pensamento, e o planejamento mental ocorre antes de sua ação, a função representativa reveste-se de grande importância. Um objeto representa o outro e, com isto, a imaginação da criança sofre um grande impulso. Por exemplo: uma simples caixa de sapatos pode ora se tornar um carro, ora um potente cavalo que viu na televisão. Neste tipo de atividade, a criança dá significados pessoais a objetos e a brincadeiras que realiza. Observa o que acontece a sua volta, em sua casa, na rua, e reproduz posteriormente em suas brincadeiras o que viu, apresentando, inclusive, sentimentos e emoções frente ao fato. Por exemplo: a criança brinca com a boneca, vestindo-a, dando de comer ou até dando-lhe umas palmadinhas. É interessante observar como ela brinca, pois suas emoções, sentimentos e compreensão da realidade são expressos neste momento.

A criança, quando brinca de faz de conta, modifica a realidade em função dos seus desejos, pode trazer à tona experiência do passado e explorar o que imagina que vai acontecer depois.

Quando a criança, ao observar a chuva, comenta: "está chovendo porque as nuvens estão tristes", o seu pensamento



não tem um caráter lógico e é baseado em vivências pessoais, desejos e temores, adquirindo características muito peculiares. Também há um grande desenvolvimento da fala, as palavras se organizam em frases e a linguagem passa, juntamente com a ação, a ser uma possibilidade de a criança expressar suas ideias e emoções.

Piaget afirma que, para a criança adquirir pensamento e linguagem, deve passar por várias fases de desenvolvimento psicológico, partindo do individual para o social. Encara as crianças como sujeitos ativos da sua aprendizagem. Para ele, o desenvolvimento ocorre com a seguinte organização: à medida que aumenta a maturação da criança, ela organiza padrões físicos ou esquemas mentais em sistemas mais complexos.

### CONCLUSÃO

Piaget atestou que a criança possui uma lógica de funcionamento mental que difere qualitativamente da lógica do funcionamento mental do adulto. A teoria desenvolvida por Piaget, sem dúvida, é uma das maiores e mais significativas contribuições para a ciência cognitiva.

Essa teoria permite uma compreensão biológica e psicológica da evolução mental da criança, pois é importante conhecer como o organismo do sujeito reage ao receber uma informação nova do meio e ao tentar organizar essa informação em sua



## artigo

estrutura cognitiva.

Como vimos e podemos concluir, entre 2 e 7 anos, mais ou menos, os antigos esquemas de ação são transformados em esquemas representativos, isto é, os objetos sofrem não só a ação física da criança, mas também a ação mental.

Buscamos uma reflexão do pensamento piagetiano, pois é um pensamento um tanto complexo, mas coerente e rico no sentido de oferecer informações acerca do desenvolvimento cognitivo que são importantes à aqueles que desejam fazer de seus aprendizes sujeitos autônomos e capazes de construir conhecimentos e não de reproduzirem o que outros fizeram.

Portanto, o aspecto de maior importância que se define nos períodos de desenvolvimento da inteligência reside no fato de que cada indivíduo adquire novos conhecimentos ou estratégias de sobrevivência, de compreensão e interpretação da realidade. Sendo assim, a compreensão deste processo é fundamental para que os professores possam também compreender com quem estão trabalhando.

Para Piaget, conhecer consiste em agir sobre o meio e transformá-lo a fim de compreendê-lo. A relação do ser humano com o meio é uma relação ativa, pois, ao mesmo tempo em que o ser humano está sendo constantemente modificado, ele modifica o meio em que atua, construindo o conhecimento.

Concluímos trazendo o próprio Piaget no que tange aos desafios atuais na educação:

*O problema da educação é, portanto, essencialmente o de direcionar a criança/adolescente não para soluções prontas, mas para um método que lhe permita construí-las por conta própria. A esse respeito, existem dois princípios fundamentais e correlacionados dos quais toda educação inspirada pela psicologia não poderia se afastar: 1) que as únicas verdades reais são aquelas construídas livremente e não aquelas recebidas de fora; 2) que o bem moral é essencialmente autônomo e não poderia ser prescrito. Desse duplo ponto de vista, a educação internacional é solidária de toda a educação. (PIAGET, 1999, p. 166)*

## Referências bibliográficas

- MONTOYA, A. O. D., Teoria da aprendizagem na obra de Jean Piaget. São Paulo: UNESP, 2009.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. & FELDEMAN, R. D. O Mundo da criança. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, 2001.
- PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. Trad. Manuel Campos. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. O nascimento da inteligência na criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- SANTOS, R.P. Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. São Paulo: Vozes, 2007.



GILVÂNIA RIBEIRO TARDIM  
Pedagoga e secretária do  
Colégio Cristo Rei

# coluna



## Música na escola: sua importância e possibilidades

A presença da Arte na vida de cada pessoa é inegável e, quase sempre, visível cotidianamente. Independente da linguagem preferida, todo ser humano vivencia experiências artísticas durante sua existência, apreciando, fruindo, criando ou recriando. Ernest Fisher afirma que “o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo” numa busca constante por tornar social aquilo que é próprio de sua individualidade (FISHER, 2002, p.12) e na Arte encontra sentido e possibilidade para essa busca.

Mesmo fazendo parte efetiva na vida de todo ser humano, a presença da Arte nos currículos escolares ainda necessita de justificativas e esclarecimentos que contribuem para a legitimação dessa experiência no espaço escolar, a fim de que objetive a formação integral dos seres humanos, e não seja apenas um momento de recreação ou entretenimento coletivo.

Dentre as diversas linguagens artísticas, a música é uma das que mais está próxima do cotidiano de cada pessoa. Através de suas inúmeras formas, ela pode chegar a regiões que muitas vezes estão inalcançáveis pela linguagem. Sendo assim, mais do que comunicar sentimentos ou ideias, a música oportuniza vivências sensoriais únicas. Como esclarece Duarte Jr, “o artista não diz (um significado conceitual), o artista mostra (os sentimentos, através de formas harmônicas). O artista procura concretizar, nas formas, aquilo que é inefável, inexprimível pela linguagem conceitual” (DUARTE JR., 2000, p.46).

Essa possibilidade da vivência musical pode oferecer

aos educandos caminhos de autoconhecimento e expressividade. A autora Sekeff complementa esta ideia apontando que

[...] se temos em conta que o mundo não é só o que pensamos, mas também o que sentimos, inferimos que o que sentimos habita aquela região particularmente humana, quase sempre só acessível à arte, à música (SEKEFF, 2002, p.119).



Nessa perspectiva, a música na escola busca proporcionar aos educandos uma aprendizagem além da memorização de conteúdos e que ofereça espaço para a apropriação de diferentes culturas, trazendo para a realidade deles um pouco da história de cada povo.

Dessa forma, o foco principal da inserção da mú-



## coluna

sica no currículo escolar não é a formação de músicos profissionais, nem o ensino de um instrumento ou da teoria musical. Esses aspectos podem (e devem) ser trabalhados como atividades complementares e individualizadas, em outros espaços além da sala de aula.

A intenção em oferecer uma experiência musical dentro do currículo escolar é, na verdade, oportunizar vivências culturais, fruição artística e possibilidades de expressão, como afirma Duarte Jr:

[...] arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista. Ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares (DUARTE JR., 2000, p.72).

A música na escola pretende aliar-se às outras áreas de conhecimento com o único objetivo de uma Educação Integral das crianças. E este trabalho encontra sentido quando prioriza o processo e entende o produto final como resultado de um caminho pensado e constantemente revisitado. A intenção de uma Educação Integral é que se formem cidadãos mais conscientes, críticos e sensíveis, que apresentem atitudes perante a vida, e não passividade ante seus impasses.

O objetivo maior de uma educação musical numa sociedade deve ser menos o desenvolvimento de uma elite de músicos talentosos e mais o desenvolvimento da competência musical latente nas pessoas. A linguagem musical tem um potencial transformador enorme, pois é um conhecimento que valoriza o que há de mais humano nas pessoas: a emoção, o transcendental e a paixão. É nesse sentido que defendemos a ideia de que a música é um conhecimento necessário às pessoas e à sociedade. A escola deve formar o 'cidadão musical', assim como forma o 'cidadão matemático', o 'cidadão ecológico', o 'cidadão literário', o 'cidadão dançante' etc. (GRANJA, 2006, p.106).

## “A intenção de uma Educação Integral é que se formem cidadãos mais conscientes, críticos e sensíveis”

Tendo essas ideias como princípio, a escola busca constantemente oferecer às crianças, desde a mais tenra idade, experiências sonoras, culturais e musicais que favoreçam o processo de autoconhecimento pela arte e pela convivência com seus pares, aprofundando laços e promovendo saberes.

### Referências bibliográficas

DUARTE JR., J. F. **Por que arte-educação?** 10 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

FISCHER, E. **A necessidade da arte.** Tradução: Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GRANJA, C. E. de S. C. **Musicalizando a escola:** música, conhecimento e educação. São Paulo: Escrituras, 2006. (Coleção Ensaio Transversais.)

SEKEFF, M. L. **Da música: seus usos e recursos.** São Paulo: UNESP, 2002.



CAROLINE ALABY MANZANO

Curso técnico de Piano pelo Conservatório Artístico e Musical "Carlos Gomes" - Marília.

Graduação em Pedagogia pela Unesp - Marília.

Pós graduação *latu senso* em Pedagogia do Teatro e Dança pela Universidade do Sagrado Coração USC - Bauru.

# artigo



## A ressignificação dos conflitos e a formação moral

Aproveitando oportunidades para trabalhar valores e regras

O conflito faz parte da condição humana, sendo próprio das relações de convivência. Porém, nem sempre é compreendido desta forma, na visão tradicional como relata Vinha e Tognetta (2009) os conflitos são tidos como negativos e danosos, algo que atrapalha o andamento das boas relações, sendo assim, seria conveniente evitá-los, para tanto se usa todo e qualquer tipo de regras das mais tolas as mais absurdas, pois a função desta regra é tão somente evitar e/ou controlar os comportamentos. Todavia, controlar comportamentos nem sempre é possível, sendo assim, a escola transfere o problema para a família e também para especialistas, utilizando-se de mecanismos de controle que podem até funcionar temporariamente.

O que as autoras revelam em suas pesquisas é o fato de que esse tipo de conduta, em longo prazo, pode trazer consequências devastadoras aos submetidos a esses tipos de mecanismos, o que, portanto, seriam jovens com baixas habilidades sociais, com dificuldades de emitir opiniões, pouca capacidade de tomar decisões, e até incitar condutas agressivas ou submissas, o que aponta para valores morais pobremente elaborados. Na perspectiva construtivista, o conflito é eminentemente necessário nas relações e é compreendido como oportunidade para se trabalhar valores e regras. Sendo assim, o educador deve aproveitar o momento para levar seus alunos a construir e reconhecerem a importância de suas próprias perspectivas e perspectivas dos outros, ou seja, dos seus pares. Ao agir



assim, o educador estará desenvolvendo habilidades sociais e morais nos escolares.

Segundo Vinha (2000) Piaget concebe o conflito, tanto o que ocorre no interior do sujeito, tanto os conflitos entre os pares como sendo necessários ao desenvolvimento. Os conflitos vivenciados pelo sujeito o levam a buscar uma nova ordem interna, desencadeada pela ordem externa geradora do conflito, portanto acabam por promover um grande esforço na busca de organização. Ocorrendo um fato conflituoso com o outro, a criança é motivada por este desequilíbrio a refletir e buscar soluções onde se contemplem todas as partes envolvidas.

Esta seria a postura esperada do educador, favorecer condutas organizadoras dos desequilíbrios gerados pelas situações conflituosas e colocar os alunos no controle e na reflexão de seus próprios conflitos, a partir da desordem interior, criar novas possibilidades e ressignificações para o fato ocorrido e



## artigo

para as intempéries que este momento causou em si e no outro, favorecer a verbalização de sentimentos. Percebemos o quão grande é a importância da postura tomada pelo professor, à habilidade que o mesmo terá ou não para gerir o conflito. O que não pode acontecer é tentar articular resoluções rápidas, ineficazes e até improvisadas.

Vinha (2000), considera que os professores perdem tempo em tentativas de evitar a ocorrência de conflitos, quando não conseguem fazer, procuram resolver rapidamente. No lugar disso, deveriam gastar suas energias em oportunidades para auxiliar as crianças a reconhecer os pontos de vistas dos outros, aprender a ver do lugar do outro, buscar soluções para as partes envolvidas. O professor construtivista considera o conflito vivido pela criança pertencente a ela, portanto cabe a essa mesma criança participar ativamente na resolução do conflito. Esta mesma autora ressalta a importância de o professor promover o sentimento de amizade, simpatia, auxílio mútuo entre as crianças, estas motivações resultarão em relações mais cooperativas. O professor deve apoiar e valorizar o acordo mútuo existente nas amizades. Primar pela qualidade nas relações de amizade se mostra muito importante no contexto educativo.

Os educadores reclamam que as salas de aula estão cada vez mais incivilizadas, e constataam que a maioria das escolas recorre às regras de controle e punição. É legítimo, porém insuficiente. O autor defende o fato de a escola ajudar a formar pessoas capazes de resolver conflitos, resolvê-los coletivamente, tendo como premissa o respeito mútuo, considerando que o caminho para esta conquista passa pela formação ética, pois esta vai além de introjeção de regras, discute as normatizações, discute as relações com outras pessoas, as responsabilidades de cada qual e os princípios e valores que dão sentido à vida. Esta posição fica clara na afirmação que este mesmo autor faz dizendo que a dimensão moral, os valores morais na



vida da criança têm de ser trabalhados desde a pré-escola. Ética se aprende, não é uma coisa espontânea (LA TAILLE, 2008).

Todo esse conteúdo moral e ético não deve ser separado do convívio, pois, se bem observado teremos oportunidades a todo o momento para se discutir e refletir fazendo conexões com fatos rotineiros. Não convém e também não funciona falar de virtude e de generosidade quando se vive num ambiente de desrespeito, intolerância e indiferença. La Taille (2008) aponta que existe uma ponte entre a vida e a reflexão sobre a vida, então dessa forma faz sentido discutir justiça e generosidade num ambiente

fundamentado nestes princípios.

Piaget (1994) irá dizer de três estágios da teoria de desenvolvimento moral, um dos pontos importantes é o que diz respeito aos significados que a criança extrai das experiências a que é submetida. O primeiro deles chamado de estágio das regras motoras, neste estágio inicial a consciência da regra é puramente individual, satisfazendo os interesses motores das crianças, suas fantasias simbólicas, não existindo ainda compromisso com a regra. Por outro lado, Piaget ressalta que os

**“ Não convém e também não funciona falar de virtude e de generosidade quando se vive num ambiente de desrespeito, intolerância e indiferença. ”**



## artigo

pais já começam as regulações externas, observadas em exemplos como: horário de sono, de banho, de refeições, dessa forma, desde cedo a criança está inserida no contexto das regras, estas podem também ter sido imitadas, inventadas, ou seja, vindas do exterior.

No segundo estágio, o que Piaget chamou de egocêntrico, nos diz de uma criança que se opõe a imitar as regras dos outros, a criança joga compreendendo a regra como sendo sagrada, existe um respeito místico pela regra, não aceita modificações ou ajustes, nesta fase entre seis, sete, 8 e 9 anos, toda modificação é tida como transgressão. Estágio marcado não pela autonomia e sim pela heteronomia e coação adulta, que se submete a praticar leis que por hora são imutáveis, vindas do exterior, ou seja, dos adultos, não existe cooperação, pois cooperação nasce entre os iguais.

No terceiro estágio, o qual Piaget chamou de estágio da cooperação, encontramos uma cooperação nascente, as possíveis variáveis das regras, o jogo se apresenta não mais com regras vindas do exterior, impostas pelos adultos, mas agora, como resultado de uma livre decisão, passíveis de regulação e ajustes, sendo assim, regras podem ser propostas, a democracia sucede a teocracia, enfim a heteronomia dando lugar a autonomia.

A autora a seguir nos fala sobre a heteronomia e autonomia, dizendo da importância do trabalho cooperativo e os benefícios que uma moral autônoma pode trazer para a humanidade, mais uma vez ressaltamos o valor que a escola, que o espaço escolar tem nessa construção.

*[...] as crianças são heterônomas quando fazem um uso imitativo das regras e quando as consideram sagradas, pois vindo da tradição são imutáveis... As crianças são autônomas quando fazem um uso racional e social das regras, e quando as consideram produtos do e para o grupo. A universalização na moral começa, portanto, coma reciprocidade no grupo! Ou seja: aprendendo a fazer em grupos cada vez maiores, aquilo que é bom para nós, começamos a aprender a fazer, no mundo, o que é bom para a humanidade (MENIN, 1996, p.46-47).*

**“ a construção da moralidade ocorre da mesma forma que o das estruturas cognitivas, portanto, precisa haver trocas entre o organismo e o meio ”**

La Taille (2010) também nos fala das duas morais apresentadas por Piaget, a moral heterônoma e a moral autônoma, a segunda advém da primeira, sendo a autonomia a superação da heteronomia. Na moral heterônoma existe uma obediência, e aquilo que se obedece é diretamente entendido como sendo derivado do bem, nesta fase o império é da Lei. Na moral autônoma, a obediência é apenas parte da moral, agora existe um contrato, um projeto comum, um propósito do bem, que representa um ideal. Na moral autônoma, o sujeito investe sua personalidade, sua identidade, os ideais penetram no Eu, dão sentido ao que se obedece, enquanto na moral heterônoma, a moral permanece superficial. Este mesmo autor apresenta a personalidade moral como sendo a unidade entre o Eu e a moralidade, permitindo ao sujeito a união de valores morais ao seu Eu, ou seja, agir moralmente. O Eu seria um sistema de valores, um conjunto de representações de si, inspirando e seguindo determinadas regras morais, estas que estão unidas ao seu Eu e ao seu autoconhecimento.

Vinha (2000), acrescenta que a construção da moralidade ocorre da mesma forma que o das estruturas cognitivas, portanto, precisa haver trocas entre o organismo e o meio, essa interação é marcada principalmente pela busca de equilíbrio e de reciprocidade entre a ação do sujeito sobre o objeto e da ação do objeto sobre o sujeito. Sendo assim, o juízo moral desenvolve-se na medida em que as pessoas se defrontam com problemas, com conflitos.



## artigo

### Referências bibliográficas

CORTELLA, Mario Sergio, LA TAILLE, Yves. NOS LABIRINTOS DA MORAL. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2013.

DEMO, Pedro. Grandes pensadores em educação – O desafio da aprendizagem, da formação mora e da avaliação. Pedro Demo, Yves de La Taille e Jussara Hoffmann, Porto Alegre: Mediação, 2010

GOERGEN, Pedro. EDUCAÇÃO MORAL HOJE: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E PERPLEXIDADES. Educ. Soc., campinas, vol.28, n.100 – Especial p. 737-762, out.2007. Disponível em [HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em outubro de 2013.

LA TAILLE, Yves de. MORAL E ÉTICA – DIMENSÕES INTELECTUAIS E AFETIVAS. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. FORMAÇÃO ÉTICA – DO TÉDIO AO RESPEITO DE SI. Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. “Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras” Revista Nova Escola. Edição 213, junho/julho de 2008. Disponível em <[HTTP: revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille](http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille)>. Acesso em novembro de 2013.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Cinco Estudos de Educação Moral/ Jean Piaget, Maria Suzana de Stefano Menin, Ulisses Ferreira de Araújo, Yves de La Taille, Lino de Macedo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. É possível superar a violência na escola? CONSTRUINDO CAMINHOS PELA FORMAÇÃO MORAL/ Luciene Regina Paulino Tognetta, Telma Pileggi Vinha, (organizadoras). São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação Unicamp, 2012.

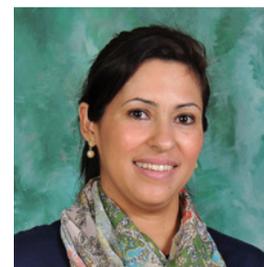
\_\_\_\_\_. VIRTUDES E EDUCAÇÃO – O DESAFIO DA MODERNIDADE. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

VINHA, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 2000.

VINHA, Telma Pileggi, TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. Rev. diálogo Educ., Curitiba, v.9, n.28, p.525-540, set./dez.2009.

[Confira a continuação deste artigo na próxima edição da Revista Inovar.]

**A AUTONOMIA MORAL NA CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE ÉTICA**



**GRAZIELLA DINIZ BORGES**

Professora do Ensino Fundamental I do Colégio Cristo Rei  
Psicóloga, Psicopedagoga e Mestranda em Educação na UNESP

# coluna



## PROFESSOR TUTOR: AMPLIANDO A VIVÊNCIA DO DIÁLOGO NO ESPAÇO ESCOLAR

Quando a adolescência chegou em minha vida e as preocupações quanto ao futuro profissional com ela vieram, não foi difícil decidir o caminho a seguir. Tive um *insight*, enquanto percorria um corredor já tantas vezes percorrido ao longo dos quase dez anos vividos naquela mesma escola. Pensei: "Se um dia tiver que passar muitas horas do dia em um mesmo lugar, quero que este lugar seja como a escola". E assim foi.

Minha experiência com a escola, enquanto aluna, deixou profundas marcas que me constituíram enquanto ser social. A convivência com meus pares e com os adultos-referências, no fim do processo escolar, com tudo de bom e de ruim que me aconteceu – como em todo convívio – resultou em lembranças felizes, em um conjunto de aprendizagens que me enriqueceram e me possibilitaram enfrentar a vida com mais coragem.

Para muitos, a passagem pela escola é bem menos romântica e os resultados desta experiência são bem menos proveitosos. Isso porque a escola é, por essência, um espaço das diferenças. Seus objetivos primordiais, a escolarização, transmissão e produção de conhecimento, norteiam a maioria das estratégias e situações que se desenrolam no espaço escolar. Como no contexto iluminista de sua gênese, o saber científico rege a estrutura e a organização da escola e o imaginário de seus envolvidos mais experientes: os adultos. Só que a vida



que pulsa e vibra forte no olhar e atitudes das crianças, adolescentes e jovens que ocupam o universo escolar expressa um interesse que os livros não são capazes de satisfazer. Eles querem interagir. Fazem amigos (que às vezes tornam-se inimigos e que depois voltam à amizade). E brigam. Fazem descobertas. Descobrem o outro e a si próprios. São diferentes e ao mesmo tempo convergentes entre si. E não é fácil lidar com a diferença. Não é fácil aprender a conviver.

No seio da discussão papel da escola x papel da família na educação das crianças, adolescentes e jovens, encontra-se um



## coluna

princípio irreduzível, do qual não se é possível fugir: aprende-se o bom convívio a partir dos conflitos de convivência e da intervenção assertiva de um adulto mais experiente acerca destes.

Nas bases de uma relação ética de convívio encontram-se ensinamentos e vivências que são familiares. As primeiras experiências do limite, da racionalização e da aprendizagem dos valores universais se dão no contato com os primeiros entes mais experientes: os responsáveis pela criança. O espaço da intimidade familiar possibilita a vivência de uma série de questões a serem resolvidas que fará com que, por meio da intervenção assertiva dos seus responsáveis quanto às noções de respeito, equidade, justiça, compaixão, amor, etc., o indivíduo seja capaz de ampliar seu contato com o mundo externo ao de casa com mais condições de interações positivas. Isso no plano ideal.

Acontece que, quando nasce uma criança, junto com ela não vem um manual da boa educação. E educar para a vida coletiva é uma tarefa muito difícil. Quando o círculo de convívio da criança é ampliado a partir de seu ingresso na escola, ampliam-se, também, as exigências que a interação com seus pares e outros adultos, que não seus familiares, impõem. Às primeiras lições aprendidas em casa somam-se aquelas – às vezes duras – experiências de acolhimento, rejeição, disputa, comparação, alegrias, prazeres e desprazeres que a convivência proporciona. Se a criança possui uma base sólida de autoconfiança e respeito constituída no seio familiar a partir das experiências de amor, cuidado, limites e regras, mais facilmente lidará com a frustração de perceber-se apenas mais um no mundo. E melhor aproveitará as maravilhas de ter com quem partilhar a vida.

A escola tem como um de seus princípios a formação para a vida em sociedade. E na contemporaneidade, cada vez mais assume posição de centralidade na aprendizagem – e por que não no ensino? - da cultura do respeito. Nosso colégio tem como tradição preocupar-se com a integralidade formativa de seus alunos e, ao longo de décadas, vem lançando mão de recursos apoiados nas ciências da educação e da psicologia na tentativa de colaborar para a humanização das relações de seus sujeitos. Além disso, a história do Cristo Rei é perpassada pelos valores congregados pelos Irmãos do Sagrado Coração, que se integram a este mesmo intento.

O projeto tutoria nasce deste percurso histórico de nosso colégio e surge para ampliar as possibilidades da vivência do

diálogo. Basicamente, trata-se de um momento semanal do grupo-classe com um professor-tutor – também professor de determinada disciplina desta mesma sala. Durante esta aula, o tutor lança mão de estratégias organizadas a partir de intenções definidas, que circulam em torno de eixos temáticos surgidos a partir das demandas de nosso público-alvo: crianças e adolescentes de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental. Avalia-se a convivência semanal da turma, chega-se a construção de regras e combinados, discute-se a convivência virtual, descobrem-se as características do ser aluno, enfim, busca-se concretizar os objetivos de aprendizagem da convivência propostos pelo projeto político-pedagógico do colégio.

As próprias características de ampliação da convivência postas pela faixa etária dos alunos em questão demanda um esforço de toda comunidade educativa – pais, professores, colaboradores e os próprios alunos – no sentido de promover possibilidades de resolução assertiva dos conflitos – que não são poucos e não são “privilégios” de nossa escola. Os esforços no sentido de combater preconceitos, exclusões e direcionar as ações coletivas de nossos alunos demonstram a pertinência destes temas diante da sociedade em que nós – alunos e adultos – estamos inseridos. Uma sociedade pautada pelo egoísmo, pela indiferença e pela dificuldade de respeitar e fazer-se respeitar.

Acreditamos em novas possibilidades de relações interpessoais e direcionamos nosso fazer educativo nesta direção. Toda a equipe pedagógica não mede esforços no compromisso com uma sociedade menos individualista. São tentativas de um dia, daqui a alguns anos, quem sabe, ver o mesmo brilho nos olhos que um dia tive ao decidir permanecer dentro da escola no olhar de um adulto com boas lembranças da escola que teve. Onde aprendeu a ser melhor para si e para os outros.



MARIANA SPADOTO DE BARROS  
Professora - Coordenadora  
Pedagógica - Mestranda em Educação  
(FFC - UNESP - Marília/SP)

# opinião



## De quem é a responsabilidade pela boa convivência no ambiente escolar?

Especialista ressalta que crianças e adolescentes precisam ter seus sentimentos reconhecidos



**H**á uma queixa comum entre vários educadores de que em tempos pós-modernos a convivência na escola tem se tornado um grande problema e que crianças, ainda que pequenas, desde a Educação Infantil resolvem seus conflitos com agressões físicas e verbais a professores e muitas vezes, também aos colegas. Tem-se a impressão de que valores como respeito já não são tão presentes na educação das crianças que chegam à escola mostrando-se cada vez mais agressivas, desobedientes às normas indicando um cotidiano com problemas. Suspeita-se que a autoridade na escola já não ocupe um lugar de poder e que paira sobre essa instituição uma crise que exige uma mudança.

Em parceria com outra importante instituição, a família, a escola representa um dos espaços essenciais para a construção de estratégias de solução de conflitos mais elaboradas, equilibradas e impregnadas de conteúdo moral que falta em tempos pós-modernos em que ter "barriga de tanquinho", ser "piriguete" é "mais" valor do que ser tolerante ao diferente, ser justo, generoso... Contudo, para se promover essa mudança, é preciso conhecimento e apro-



## opinião

fundamento sobre este tema que tanto incomoda a todos: a convivência. Diferentes investigações alertam sobre a necessidade de que tal mudança se estabeleça em forma de “vacina”, ou seja, pela criação de um cotidiano em que se tenha a prevenção aos problemas.

A literatura na área nos aponta que a construção de um ambiente livre de tensões, promotor da igualdade e de relações de respeito requer um novo olhar ao papel da autoridade e das relações de poder na escola. Requer, dessa forma, o protagonismo infanto-juvenil: que as crianças possam discutir as regras que regulam sua convivência, ter escolhas, ter seus sentimentos reconhecidos e manifestados para que possam aprender a resolver seus conflitos de forma mais elaborada e evoluída. Criar assim, um clima favorável à convivência na escola é entender que crianças e adolescentes precisam ter seus sentimentos reconhecidos, seus pensamentos expressados. Somos, dentro e fora da escola, pessoas que sentem e que para respeitar os outros, primeiro precisamos nos sentir respeitados. As crianças se sentirão respeitadas quando num conflito entre pares, por exemplo, puderem dizer para o outro como se sentiu naquela situação. As crianças se sentirão respeitadas quando o professor ao invés de acusar, humilhar, chamar a atenção na frente de todo mundo, falar apenas com a criança: estou vendo o quanto você parece irritado hoje. Como podemos fazer para resolver essa situação sem que você bata nos amigos? Isso é respeito.

Quando damos às crianças oportunidades de participar da negociação das regras, quando discutimos o que nos faz bem, o que nos faz mal, é como se disséssemos para elas: vocês são tão importantes que precisam tomar decisões, fazer escolhas... Só então é possível que ela sinta que pode ser justa, que pode ser solidária... Isso porque a solidariedade não é uma virtude que aparece dizendo ao outro “seja bom, compartilhe suas coisas”. A solidariedade, por exemplo, é uma virtude que se constrói dia a dia quando as crianças têm oportunidade de ouvir do outro o que ele sente, o que lhe dói. Mas, ainda mais importante: quando estão acostumadas a pensar nas próprias dores. Por isso, tão importante são os momentos, por exemplo, de avaliação do dia: quando as crianças podem pensar como se sentiram... Isso está provado que a melhor forma de combater a violência ou os problemas de comportamento na escola é pela prevenção. E a melhor forma de prevenção é criar um clima na escola que permita que as crianças sintam confiança

em sua autoridade e que estabeleçam entre os pares, um clima de cooperação – quando poderão se descentrar, se sensibilizar com o outro. Esta será a única forma de fazer com que a convivência, e não a violência, seja um valor.



**LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA**  
Doutora pelo Instituto de Psicologia USP e pela Universidade de Genebra, Suíça. Pós Doutorado pela Universidade do Minho - Portugal. Membro do Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenadora da linha de pesquisa “afetividade e virtudes” do GE-PEM - Unesp/Unicamp. Professora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Autora dos livros “A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola”; “Perspectiva ética e generosidade”; “A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com afetividade na escola” pela Editora Mercado de Letras. Autora também do livro “Quando a escola é democrática - Um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola” juntamente com Telma Vinha e organizadora da coleção “Cenas do cotidiano escolar” e da coleção “Desconstruindo a violência na escola: os meus, os seus e os nossos bagunceiros” pela mesma editora. Autora de livros de literatura infantil e coordenadora das coleções “Falando de sentimentos”. “Pode ou não pode?” e da série “Convivência” pela Editora Adonis.

# experiência



FAÇA UMA CRIANÇA FELIZ - DÊ UMA MENSAGEM DE CARINHO

Aproveitando data comemorativa, alunos do 3º ano desenvolveram projeto que uniu solidariedade e aprendizados

“A solidariedade é o sentimento que melhor expressa o respeito pela dignidade humana.” Franz Kafka

**N**ós, educadores do Colégio Cristo Rei, sempre buscamos maneiras de agregar o saber científico à formação humana de nossos alunos.

A aproximação do 12 de outubro, data em que comemoramos o dia das crianças com festas, presentes e diversão, propiciou a criação conjunta de um projeto solidário que viesse preencher, de certa forma, um espaço experimentado na infância carente.

Nasceu o FAÇA UMA CRIANÇA FELIZ, pensado para promo-



ver a interação entre as crianças do Colégio Cristo Rei e alunos da escola social mantida pelos Irmãos do Sagrado Coração.

Ganhou corpo a ideia de uma aula-passeio dos alunos do 3º ano solidarizando-se com crianças de outra escola, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de igualdade, partilha, companheirismo, acolhida, a alegria do “estarmos juntos”, vencendo as barreiras muitas vezes impostas pelas diferenças sociais. Para essa visita, aproveitaram-se atividades já desenvolvidas em sala de aula.



## experiência

### ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

- A partir do estudo da arte de Romero Britto e orientados pela professora, os alunos criaram sua própria obra, planejando e colorindo cubos, com que construíram o dado para colocarem suas mensagens de carinho, para presentear os colegas da escola social;
- Como houve o estudo do conteúdo bimestral, a noção de espaço, direção, distância e cartografia, aproveitou-se o passeio para ampliar os conhecimentos adquiridos dessas noções, além do estudo do meio - quarteirão e bairro da escola. No retorno, os alunos produziram itinerários e o mapeamento do trajeto percorrido;
- A interação entre as crianças se deu tanto em salas de aula, biblioteca, refeitório do Cristo Rei Social quanto no parque. Nossos alunos foram recebidos no salão de reuniões pela Coordenadora da Escola, com quem dialogaram por instantes a respeito do objetivo da visita e o porquê do presente e da lembrança da data - Dia das Crianças;
- Após a entrega dos dados com mensagens de carinho, os novos amigos ficaram alegres em perfeita interação: leram as mensagens e agradeceram com muita satisfação. Foram ao parque e brincaram juntos durante a recreação;
- Sucederam a esse dia de convívio solidário as atividades:
  - > confecção do mapeamento dos quarteirões percorridos durante a visita ao Cristo Rei Social;
  - > releitura do livro "Pedro e Tina", de Stephen Michael King, cujo enredo é sobre uma amizade muito especial;

> produção de texto escrito e oral, relatando a experiência do encontro em que se valorizou a amizade que brota espontânea, mesmo ante o diferente, e rompe discriminações. Na opinião geral de nossos alunos, transpareceu o prazer com a visita – houve sugestão de que seus pais também fossem conhecer os novos amigos.

Valeu a pena valorizar a solidariedade. Cabe à Educação estimular e efetivar o trabalho solidário, beneficiando as crianças com alegria da interação social.



MARIA DAS GRAÇAS DE ARAÚJO (CACÁ)  
Professora do Ensino Fundamental I do  
Colégio Cristo Rei

# resenhas

## e sugestões



### Acreditar é a chave

Resenha do livro:  
Nunca desista dos seus sonhos

Afinal, quem nunca desistiu dos seus sonhos, por algum momento, por algum motivo que o fez desistir de tudo ou até por uns instantes de fraqueza.

O livro de Augusto Cury mostra que até grandes personalidades passaram por algum momento de querer desistir de tudo o que mais almejavam, mas nem por isso desistiram, confiaram em si mesmas e foram à luta.

Não que seja fácil realizarmos nossos sonhos, sempre haverá barreiras, pedras em nosso caminho, isso é fato.

O autor cita personagens no decorrer do livro sendo eles: Jesus Cristo, Abraham Lincoln e Martin Luther King. Por último ele, considerado um grande psiquiatra, todos com grandes sonhos que os motivaram a seguir em frente, afinal são os sonhos que nos motivam a viver o dia a dia.

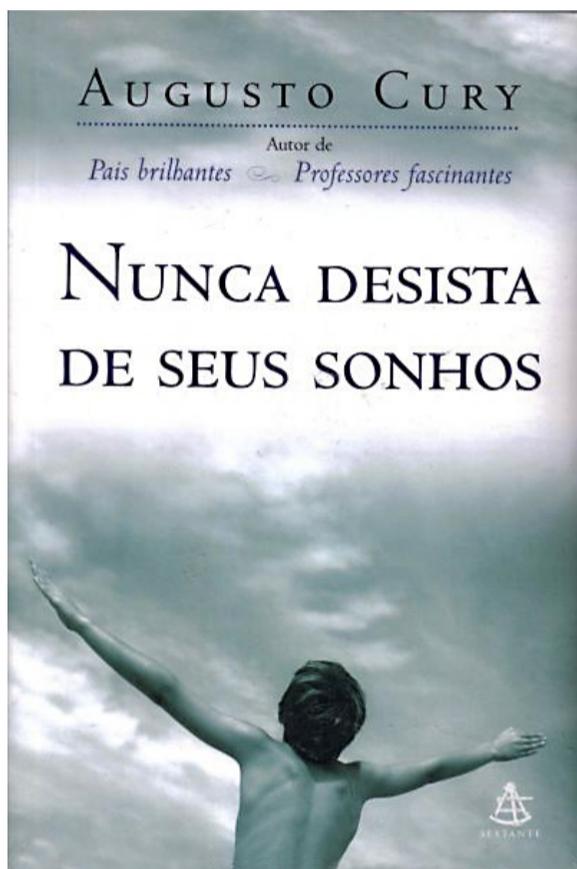
De forma simples e clara o livro aborda como enfrentarmos os nossos medos de ir atrás dos nossos sonhos quando nos sentimos incapazes de realizá-los, em nenhum momento são usadas palavras de desmotivação.

Segundo o autor, os sonhos são o que nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer, porque sem eles levamos uma vida monótona, sem sentindo e, muitas vezes mecanizada pela nossa rotina diária de trabalhar, de executar os afazeres de casa, afazeres acadêmicos e assim sucessivamente. Com isso, vivemos dia após dia, sem emoção, sem vontade.

Em Nunca desista de seus sonhos, Augusto Cury nos mostra o quão bom é sonharmos, ressaltando que são os sonhos que nos tornam fortes e nos impulsionam a viver.

Atualmente, temos muitos desejos, queremos isso, queremos aquilo e até onde nos esforçamos para conseguir o que tanto almejamos? Quanto persistimos para conseguir? Como o próprio autor diz: "Desejos não resistem às dificuldades da vida, sonhos são projetos de vida, sobrevivem ao caos".

Ou seja se queremos mesmo algo, projetamos soluções, meios para conseguir, mas nunca deixamos de lado, nunca



abandonamos.

Em um dos capítulos é dado o exemplo de luta e persistência de Martin Luther King. O que mais me chamou a atenção, não foi o fato de ser negro e lutar pelos sonhos, mas sim sua persistência em realizá-lo e que em nenhum momento deixou sucumbir.

Ele foi um grande sonhador, seu sonho era o sonho de todo negro daquela época, o sonho da liberdade, o sonho de pôr fim no preconceito. Lutou muito por isso chegou a perder sua casa. Só parou de parar de lutar, porque deram fim em sua vida. Um fanático que, por ter ideias opostas, assassinou-o com um tiro e só assim colocou fim aos sonhos de Luther King.

E nós, até que ponto persistimos nos nossos sonhos? Temos sonhos ou

desejos?

Esse foi um livro que me abriu a mente e que me ajudou a refletir muito sobre os sonhos e desejos em uma determinada época em que não acreditava em mais nada e por pouco não aniquilei meus sonhos.

Indico este livro para aqueles que talvez não acreditem mais em sonhos ou que dizem que não têm sonhos. Para finalizar deixo uma frase do autor para que possam refletir acerca do tema citado nessa resenha: "A sociedade é ótima para exaltar os que têm sucesso e rápida para zombar dos fracassados."

#### Ficha Técnica

Título: Nunca Desista de Seus Sonhos  
Autor: Augusto Cury  
Editora: GMT  
Edição: 1  
Ano: 2004  
Idioma: Português  
Especificações: Brochura | 160 páginas  
ISBN: 85-7542-149-2  
Peso: 190g  
Dimensões: 210mm x 140mm



MARÍLIA SOARES

Pedagoga e colaboradora do Colégio Cristo Rei

## galeria de artes



# AFINAL, O QUE EMPREENDEDORISMO TEM A VER COM ARTES?



SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas), Mariana Gonçalves Ferreira, para apresentar aos alunos, noções de empreendedorismo, com o objetivo de incentivar os jovens a abrirem, de forma fictícia, uma empresa ligada a cultura e/ou artes.

Os componentes da banca (professores ou ex-professores do colégio e profissionais liberais de nossa cidade) avaliaram se o projeto era viável, ou não, e deram orientações aos grupos de alunos de como prosseguirem com os seus projetos inovadores e empreendedores.

Como encerramento da disciplina Arte nos 9ºs anos, no ano de 2014, propus aos meus alunos que fizessem um trabalho de conclusão, baseado no modelo universitário de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), onde eles elaboraram um projeto em grupos (4 ou 5 alunos) e o apresentaram a uma banca composta por professores e profissionais liberais de vários segmentos da nossa cidade.

Para enriquecer esse trabalho, convidei uma palestrante do

O aluno Daniel Gonçalves, fez uma pergunta muito interessante no momento da palestra sobre empreendedorismo da gestora de negócios, Mariana Gonçalves Ferreira, do SEBRAE de Marília-SP.

– Lú, afinal, o que empreendedorismo tem a ver com artes?

Respondendo a essa pergunta, feita pelo aluno Daniel ,



## galeria de artes

então aluno do 9º Ano C do Ensino Médio, em 2014, começo a explicar o que tem a ver...

Primeiramente eu devolvo a pergunta: – E por que não?!?

*A arte de empreender, de mudar, conquistar. Ser um empreendedor é saber [ou aprender] exteriorizar aquilo que você na realidade sempre foi ou aprenderá a ser. (SEBRAE, 2011, p. 2)<sup>1</sup>*

Vivemos num universo complexo em suas relações e é preciso lançar um olhar aberto às suas contradições. A Arte na Educação, historicamente situada como formadora cultural da sociedade, impõe-se na necessária reflexão sobre mercado (SIM!!!) e ética, apropriação da cultura e identidade, inteligência e aprendizagem, criatividade e desafio, na intervenção e construção do mundo. Não basta fazer, tem que fazer a diferença! Está entendendo, Daniel?

Seguindo essa ótica, tornam-se cada vez mais amplas as pesquisas e os estudos sobre empreendedorismo, inteligência e criatividade. A disciplina Arte assume a responsabilidade de conscientizar, instigar e contribuir para a formação de pessoas criativas, comprometidas com o desenvolvimento cultural e ético de sua comunidade (escolar e/ou sociedade). É preciso que a escola estenda sua ação à diversidade e contemple as possibilidades de contradições como provocações e os problemas como desafios à criação.

Essa construção também é um desafio a todos os arte/educadores. Isso não significa abandonar o que já foi construído para encontrar soluções inovadoras.

Lá no século XVIII, durante o iluminismo, as artes foram estudadas e classificadas em seis categorias apenas, formando o grupo das Belas Artes: arquitetura, escultura, pintura, gravura, música e coreografia. Mais tarde, somou-se a este grupo o cinema e a fotografia. Atualmente ouso dar a minha opinião, ao dizer que empreender pode ser uma dessas classificações em arte, pois requer: criatividade, imaginação, entrega, inovação, treino, persistência, etc.

Wellington Nogueira, à frente do grupo Doutores da Alegria<sup>2</sup>, também acredita que arte e empreendedorismo são fortes aliadas: “Empreender é gostar de encrenca. Sair na chuva e se molhar, ajoelhar e rezar.” registra ele na Endeavour Brasil<sup>3</sup>

- organização que promove o estímulo ao empreendedorismo, de visibilidade internacional.

**“o ensino das Artes assume um papel determinante ao entrelaçar novos códigos culturais, reflexões, críticas e sensibilidades aos processos cognitivo, perceptivo, reflexivo e criativo necessários ao diálogo contemporâneo.”**

Assim, respondendo ao meu querido ex-aluno Daniel, o ensino das Artes assume um papel determinante ao entrelaçar novos códigos culturais, reflexões, críticas e sensibilidades aos processos cognitivo, perceptivo, reflexivo e criativo necessários ao diálogo contemporâneo. Para isso, é necessário empreender esforços para conhecer como ocorre o processo de pensar e agir criativo e de que forma a aprendizagem influencia e é influenciada no universo pedagógico.

Contribuem para essa compreensão a construção do Sistema Criativo, de Czikszenmihalyi (1996), o Modelo Componential da criatividade, de Amabile (1996), e a Teoria do Inventismo em criatividade, de Stenberg e Lubart (1991), bem como os ensinamentos de Piaget e Vygotski. Esses estudiosos consideram a produção criativa resultante da articulação complexa de elementos individuais, ambientais, históricos e sócio culturais.

Para que o Daniel e os demais alunos de Arte entendam o que estou querendo dialogar, seguem algumas dicas para o pensar e agir criativo:

- observar e participar da diversidade (diferenças sociais, culturais...), com diferentes contextos socioculturais e a progressiva ampliação do repertório (conteúdo) cultural em direção a pluralidades (multiplicidade);
- o aprofundamento de saberes, conhecimentos, técnicas, habilidades e competências;



## galeria de artes

- a motivação, o desejo e a vontade de criar algo novo;
- participar de um ambiente divergente (diferente), aberto ao inusitado (que não é usual) e em movimento instigador de novas construções de saberes;
- o conflito, problema e desafio de encontrar uma resposta que se volte ao exercício de encontrar novas soluções para determinados contextos.

Portanto, uma pessoa criativa interage diferentemente no mundo. Um ambiente divergente é fundamental para a expansão do pensamento criativo, em especial quando esta divergência (diferença) causar estranheza e conflito.

Para isso Daniel, para que todos possam se expressar, cabe ao educador construir um espaço expressivo, mediando, inspirando e instigando o divergente e o agir criativo, promovendo mudanças significativas, tanto diante de novas resoluções de problemas quanto em uma leitura mais ampla na interação com o mundo.

Cabe a nós, educadores, em cada aula arriscar formas inusitadas de agir e se expressar em diversas linguagens, construindo um universo fértil para essa inteligência humana. E você, Daniel, e seus amigos e amigas souberam muito bem aproveitar desse aprendizado "diferente".

### Referências bibliográficas

AMABILE, Teresa M.. **Creativity in Context..** New York: Westview Press, 1996.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity.** New York: Harper Collins, 1996.

Sternberg, R. J., Lubart, T. I. (1991). **An investment theory of creativity and its development. Human Development, n. 34,** 1991, p. 1-31.

<sup>1</sup> SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas: [http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos\\_pesquisas/Pesquisa-GEM:-empreendedorismo-no-Brasil-e-no-mundo,destaque,9](http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/Pesquisa-GEM:-empreendedorismo-no-Brasil-e-no-mundo,destaque,9)

<sup>2</sup> Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos que, desde 1991, atua junto a crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais de saúde.

<sup>3</sup> Endeavor Brasil: <https://endeavor.org.br/>



LUCIRENE ANDREA CATINI LANZI  
Professora de Artes

# redações

## de alunos



26 Poema - Soneto do Amor Eterno  
Pedro Rafael de Lima Bertoncini  
Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental

27 Poema - Amor rima com dor  
Renan Sávio França  
Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental

28 Poema - Pensador apaixonado  
Lucas Simões da Costa  
Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental

29 Cidadania e transparência: Um grande desafio  
Lucas Gimenes Benez  
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



## redações de alunos

### Dignidade humana à venda.

Poema é uma obra literária que pertence ao âmbito da poesia. O texto pode ser apresentado ou redigido sob a forma de verso e estrofes.

#### PROPOSTA DE TEXTO

com base nesta definição, redija um poema de amor.

### SONETO DO AMOR ETERNO

Meu Deus, eu confesso, quando a vi, já percebi  
Vi que algo me faltava desde aquele momento  
Olhei para ela e vi que minha vida estava bem ali  
Ela me roubara e saíra sem dar argumento

E, agora, estava a fugir para o alto do além  
Aquele ladra era rápida e lépida  
Era espertinha e bonita também  
Mas já não podia desistir porque meu coração ia com ela

Corri, corri e corri, mas só me perdi  
De repente, vi uma luz a me guiar  
Lá estava ela no meio da passarela

Eu a preendi em minhas palavras e a algemei em meu olhar  
Ela se entregou, mas quando presa, para junto dela me levou  
Meu coração entreguei e um novo ser me tornei ao subir o altar

Pedro Rafael de Lima Bertoncini  
Aluno do 9º ano - Ensino Fundamental



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



## redações de alunos

### AMOR RIMA COM DOR

Já dizia o poeta que amor é fogo que arde sem se ver  
 Ferida que dói e não se sente, contentamento descontente  
 E dor, muita dor que desatina sem doer

Quando a gente ama alguém de verdade  
 Esse amor não se esquece, só aquece e a gente padece  
 O tempo passa, tudo passa, mas do peito ele não desaparece

O verdadeiro amor não é aquele sentimento  
 Que se alimenta só de beijos e carinhos  
 Mas também aquele que suporta renúncia  
 Perdas e consegue viver só de saudade

Renan Sávio França  
 Aluno do 9º ano - Ensino Fundamental



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



## redações de alunos

### PENSADOR APAIXONADO

Foi muito tempo de espera  
Tempo de brigas  
Sem nos falarmos

Tempo sem escutar sua voz  
Sem seu abraço  
Sem nossas conversas longas  
Sem seu amor e seu carinho

Mas o tempo passa  
As coisas mudam  
Meu futuro, agora, é outro

Ainda bem que, agora, está comigo  
E sempre ao meu lado  
E posso lhe dizer "te amo", à vontade

É, assim, que eu quero  
É, assim, que deve ser  
Você comigo e eu com você

Então, é isso, esse é meu poema  
Meu poema de amor pra você  
Esse é o poema do Lucas  
O apaixonado Lucas pensador!

Lucas Simões da Costa  
Aluno do 9º ano - Ensino Fundamental



### COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Estes poemas chamam a atenção porque os alunos reconhecem perfeitamente o tema solicitado e redigem sua produção com graça e leveza. Outro destaque nesses poemas é a utilização adequada dos componentes estruturais da linguagem poética (verso, estrofe e algumas tentativas de rima), que dá ao texto grande efeito expressivo e articula as ideias numa sequência lógica e coerente. É interessante considerar, também, a maturidade desses pequenos poetas que abordaram esse tema de forma tão pessoal e sensível, utilizando lirismo expressivo e possíveis exemplos de "conflitos" ligados a esse sentimento.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



## redações de alunos

Em setembro de 2014, para comemorar a Independência do Brasil, a Loja Maçônica Brasil II de Marília promoveu o 33º concurso de redação. Nesse ano, cerca de 30 escolas (públicas e particulares) de Marília participaram com o envio de trabalhos, o que ocasionou uma grande disputa entre os autores e uma maior qualificação. Dentre os 382 autores que dissertaram sobre o tema Cidadania e Transparência, Lucas Gimenes Benez - aluno do 9º ano de nossa escola - ficou em 4º lugar. Homenageado pela boa classificação e qualidade do texto, participou da solenidade na sede da Loja Maçônica e recebeu como prêmio uma câmera digital e uma medalha de honra ao mérito. O Colégio também foi premiado com um troféu. Veja, a seguir, redação premiada desse nosso aluno:

### CIDADANIA E TRANSPARÊNCIA: UM GRANDE DESAFIO

É certo dizer que, hoje em dia, a maioria dos brasileiros não exerce, plenamente, sua cidadania. Muitas vezes, por acreditar na mídia e achar que para ser cidadão basta ter certidão de nascimento, alguns nem conhecem os direitos que o povo de nosso país tem.

Um exemplo claro disso ocorre quando um brasileiro está sob alguma acusação e paga para alguém fazer a sua defesa, sem ao menos saber que teria direito a um advogado, gratuitamente, para defender seus interesses e direitos perante a lei. Outro exemplo é saber (alguns até sabem, mas não respeitam) que um deficiente tem direito a vagas especiais próximas às entradas de supermercados, shoppings, entre outros estabelecimentos. De que adianta existir o direito se ele não é divulgado, utilizado e nem ao menos respeitado?

A principal causa de os brasileiros não exercerem seus direitos e deveres como cidadãos, geralmente, ocorre por falta de transparência. Isso, infelizmente, ocorre porque a mídia, quase sempre, é partidária ao governo e divulga, apenas, o que convém a uma minoria, fazendo, inclusive, parte desta ideia de privilégios para poucos. E as pessoas, por não compreenderem que os direitos humanos é o direito de todos e todas, apenas, reclamam do governo e se acomodam.

Em suma, para que se possa lutar pelos direitos, antes, é preciso conhecê-los. É dever de todos participar e se manter atualizado sobre tudo o que acontece no país. Mas o grande desafio, ainda, é obter um maior envolvimento da sociedade e garantir compromisso ético dos que detêm poder sobre a informação pública.

Lucas Gimenes Benez  
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



### COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Esta redação apresenta domínio da norma culta, intimidade com o tema e boa capacidade de comunicação com o leitor. Além disso, em sua dimensão estrutural, apresenta os elementos fundamentais do texto dissertativo: tese do autor, argumentos para sustentá-la e conclusão, conforme instruções contidas na proposta do concurso. O nível de informatividade é padrão, com boa coesão entre os parágrafos, distribuídos numa sequência lógica e natural, o que garante coerência e progressividade à redação. Enfim, é um texto espontâneo que preenche todos os requisitos necessários, por isso foi classificado como um dos melhores nesse concurso.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA

**Revista inovar**

